



**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**Cinemateca Júnior**  
Palácio Foz – Praça dos Restauradores

## IT'S A WONDERFUL LIFE / 1946

*(Do Céu Caiu uma Estrela)*

Um filme de **FRANK CAPRA**

**Realização:** Frank Capra / **Argumento:** Frances Goodrich, Albert Hackett, Jo Swerling e (não creditado) Frank Capra, baseado no conto "The Greatest Gift" de Philip Van Doren Stern / **Fotografia:** Joseph Walker e Joseph Biroc / **Música:** Dimitri Tiomkin / **Montagem:** William Hornbeck / **Interpretação:** James Stewart (George Bailey), Donna Reed (Mary Hatch Bailey), Lionel Barrymore (Mr. Potter), Thomas Mitchell (O Tio Billy), Henry Travers (Clarence), Beulah Bondi (Mrs. Bailey a mãe de George), Frank Faylen (Ernie), Ward Bond (Bert), H.B. Warner (Mr. Gower, o farmacêutico), Gloria Grahame (Violet Bick), Todd Karns (Harry Bailey), Virginia Patton (Ruth), Samuel S. Hinds (Mr. Bailey, o pai de George), Frank Albertson (Sam Wainwright), Bobbie Anderson (Georgie, em miúdo), etc.

**Produção:** Frank Capra para a LIBERTY FILMS / **Distribuição:** RKO RADIO PICTURES / **Cópia:** da CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA, 35 mm, preto e branco, legendada em português / **Duração:** 125 minutos / **Estreia Mundial:** 18 de Dezembro de 1946 / **Estreia em Portugal:** a 30 de Novembro de 1947 no Cinema Politeama.



Em *The Name Above the Title* (O Nome Acima do Título), Frank Capra conta com vagar a génese do *wonderful film* (o filme maravilhoso) que vamos hoje ver ou rever. Capra regressava da guerra a Hollywood e tinha que se readaptar a uma capital do cinema que mudara muito (post-guerra quente e pré-guerra fria). Um dia, Charles Koerner entrou-lhe pela porta (porta do recém inaugurado Liberty Films, que Capra fundara com William Wyler e George Stevens para continuar a ter "the name above the title") com meia dúzia de páginas dactilografadas em forma de cartão de Natal que continham o *script* que Dalton Trumbo extraíra do conto de Van Doren Stern "The Greatest Gift". Dou a palavra a Capra: "Era a história que toda a vida procurara. Uma cidadezinha. Um homem. Um homem bom, ambicioso. Mas tão preocupado em ajudar os outros, que deixava perder as oportunidades da vida. Um dia, perdeu a coragem. Desejava nunca ter nascido."

E esse desejo era-lhe satisfeito. Meu Deus, que história! O gênero de história que fará dizer às pessoas quando eu for velho e estiver a morrer: foi ele quem fez **The Greatest Gift**”.

Capra comprou imediatamente os direitos, mas encarregou o casal Hackett - Albert Hackett e Frances Goodrich - (que tinham feito a série do **Homem Invisível** e depois escreveriam musicais como **The Pirate**, **Summer Holiday**, **Easter Parade**, **Give a Girl a Break**, **Seven Brides for Seven Brothers** ou a série dos **Pais da Noiva**) de reescrever a história. Para o protagonista escolheu imediatamente “o único actor que podia fazer aquele papel”: Jimmy Stewart, como Capra no seu primeiro filme *post-guerra*. E rodou **Do Céu Caiu uma Estrela** em quatro meses (de Abril a Agosto de 46) “num orgasmo ininterrupto”. Quando o concluiu estava firmemente convencido de ter feito “*the greatest film I have ever made. Better yet I thought it was the greatest film anybody ever made*” (o melhor filme que fiz. Melhor ainda, pensei ter feito o melhor filme que alguém fez).

Mas a América (e o mundo) tinham mudado muito. E se o filme ainda valeu a Capra a sua sétima (e última) designação para o oscar (que perdeu a favor de outra produção da Liberty Film, **The Best Years of Our Lives** de Wyler) como designação valeu a James Stewart, o sucesso foi bastante relativo. Não faltou quem dissesse que o *Capra-corn* se estava a tornar cada vez mais *corn* e menos *Capra* e quem escrevesse que “*a história era tão piegas, que roçava o infantilismo*”. Bosley Crowther no “New York Times” chamava-lhe “*um relatório de banalidades melodramáticas*”. E nenhum anjo desceu do céu para o ajudar no meio dessa irónica indiferença. Capra ainda fez mais meia dúzia de bons filmes, mas o seu inconfundível *touch* chegou aqui ao final. Nunca mais houve um Capra assim.

Mas o tempo, nas suas muitas voltas, veio dar razão ao cineasta. 60 anos depois, **Do Céu Caiu uma Estrela** é um *cult-movie* e o mais amado dos filmes de Capra. Danny Peary na sua obra sobre os *cult-movies* afirma mesmo acreditar que qualquer inquérito o incluiria entre os mais populares filmes americanos de sempre, ao lado do **Feiticeiro de Oz**, de **E Tudo o Vento Levou**, de **Casablanca**, de **Música no Coração** ou de **A Guerra das Estrelas**.

Para mim, **Do Céu Caiu uma Estrela** é paixão antiga desde que o vi no Politeama, tinha eu doze anos. E muitas vezes, ao longo da vida, me tenho lembrado da moral desta fábula (*corn* ou *not corn*) e a tenha contado a gente que repete, com James Stewart, que “*era melhor não ter nascido*”. E nunca consegui deixar de chorar no *tear-jerking finale*, “*admittedly one of the most sentimental endings of all time*” (um dos mais sentimentais finais de todos os tempos) - estou a citar Danny Peary.

Mas se esse final, após a “ressurreição” de James Stewart, com **The Bells of Saint Mary** no cinema da terra (*second feature*), a dedicatória no “Tom Sawyer”, a música de Natal, os milhões de *merry christmas*, os milhares de dólares a cair no cesto e os milhares de amigos a entrar, é, de facto, o mais *tear-jerking* e o mais natalício dos finais de um filme (que deve ser o que mais vezes foi programado pelas televisões para a noite de Natal) não penso, como a maioria dos críticos, que este filme seja o mais optimista dos filmes de Capra. Já em tempos comparei a estrutura das suas obras precedentes (sobretudo **Mr. Smith Goes to Washington**) com a dos *westerns* clássicos. O cowboy que veio parar a uma cidade de “duros”, apanha muita “porrada” e no final vence o “mau” da fita, no último duelo. Nesses filmes, esse herói, chamasse-se Gary Cooper ou James Stewart, vencia sózinho, ou acompanhado por uma minoria de “bons”, a princípio aterrorizada e depois, à medida que o “herói” crescia, mais desenvolta nos seus auxílios. Aqui, neste filme do *great old Capra*, James Stewart vence também, mas precisa de uma ajuda de que até aí jamais precisara: a do anjo de 293 anos chamado Clarence Goodbody que, de resto, desceu à terra não apenas para o ajudar, mas para ganhar as asas que em todo esse tempo ainda não tinha conseguido alcançar.

A personagem é prodigiosa, Henry Travers é-o também, mas essa “descida à terra” não nos deve fazer esquecer que todo o filme é visto do ponto de vista do céu. Ao princípio estamos na terra (“*You are now in Bedford Falls*”) na mesma noite de Natal do fim, com a neve a cair e os sons do Natal. Ouvimos em *off* orações e a câmara vai até às estrelas, onde Clarence trata Deus por “*Sir*”. Deus tem uma voz de patrão, firme e dura, manda-o sentar e dá-lhe uma hora para ele se vestir. E quando ele está “sentado” (a câmara sempre nas estrelas, sem personagens) convida-o para um “bom filme”: a vida de George Barnes desde o dia, aos sete anos, em que salvou o irmão mais novo de morrer afogado, até à noite de Natal que é tempo de todo o filme. Ao princípio, não se vê nada (quem não tem asas, não vê dos outros planetas) até que a imagem foca e “começa o filme”. E quando passamos da infância à idade adulta, de Bobby Anderson a James Stewart, Deus diz a Clarence “*Take a good look on him*” e o plano imobiliza-se em parálitico com James Stewart de braços todos abertos, no arquétipo da imagem capriana, que também no cinema nunca mais voltou a ter (depois é o James Stewart de Mann, de Hitchcock, de Ford, tão genial como sempre, mas bem diferente como personagem). É como se Capra nos dissesse também que nunca mais ninguém o iria ver assim, como fora em **You Can't Take It With You** ou em **Mr. Smith Goes to Washington**.

A história da vida de George Bailey é a história de coisas tão bonitas, como Gloria Grahame a fazer parar o trânsito, o “graduation ball” de 1928, com James Stewart a dançar o *Charleston* como Fonda dançava a valsa no **Young Mr. Lincoln**; aquele espantoso mergulho colectivo; Donna Reed “*the prettiest girl in town (a rapariga mais bonita da cidade)*”; o roupão caído, ela atrás dos arbustos e a morte do pai; os “discursos” de Stewart (sempre vagamente demagógicos); o “*point me in the right direction*”; o telefonema a três e o beijo a dois (a câmara sem se mexer, num dos mais prodigiosos planos que alguma vez alguém assinou); a “*wedding night*”; e o beijo de Ernie a Bert (essa sequência é inadjektivável); James Stewart, o charuto e o aperto de mão a Barrymore; a guerra em filigrana, e tanto mais. Mas é também, em surdina, o elogio do sacrifício e por breves apontamentos (um olhar de Stewart para o irmão ou para a mãe, o espantoso e patético personagem de Thomas Mitchell) a insinuação que basta um leve toque e podemos ver o negativo de tudo isso.

E a noite da inexistência de Stewart é esse negativo. Os mesmos geniais secundários, fraternais e solidários, “mudam de filme” e quem vence são outros arquétipos deles, patentes nos casos de Beulah Bondi, Ward Bond, de Frank Foylen. Aparentemente, esses eram os que não tinham razão para mudar. Se percebemos que o farmacêutico tivesse ido parar 20 anos à cadeia, não fosse George, se percebemos que o irmão tivesse morrido, não fosse George, se percebemos (já mais forçadamente) que Donna Reed tivesse ficado solteirona e de óculos, não fosse George, porque mudaram tanto todos os outros, porque são todos tão agrestes e rudes? E - o que é mais - porque mudou a cidade toda (mudou até de nome) convertida num vasto lupanar, entre *strip-teases* e luzes agressivas? E por que é que o único personagem que George não re-visita é Lionel Barrymore, o único que não podia ter mudado? Pode um homem só transformar tanto a vida de todos? Capra diz-nos que sim, mas diz-nos que sim, não no real, mas no “filme mostrado” por Deus a Clarence e, depois, na noite que resultou do “truque” do Anjo. De certo modo, “*It’s a Wonderful Life*”, (mas no cinema...) “*it’s an awful city*” mas com batota.

É por isso que a explosão final é tão forte. Porque tudo o que até aí fora um pouco mágico (coisa de anjos e estrelas) se encarna naquela noite de Natal, em que a presença do Anjo é apenas a de uma discreta campanha, sob a força do plano de George com os filhos ao colo e os dólares que vêm de tudo e de todos.

Para um tal hino à vida e ao amor (a palavra final da dedicatória de Clarence) foi preciso ir até às estrelas. Forçar um pouco a mão ao destino, para melhor tentar a liberdade. Não se trata de viajar no passado para descobrir a inelutabilidade dele, mas de não sair da mesma noite, para mostrar como o futuro a modifica. Aparentemente construído em *flash-back*, este filme desfila como as imagens dele. A vida na terra, mesmo em Bedford Falls, é bem mais maravilhosa e mais comovente do que a vida dos anjos que a deixam (apesar das asas ganhas) com uma secreta nostalgia. No céu, não há Natais. Esse é o lote dos homens e é por isso que “*it’s a wonderful life*”. Por mais simpático que o anjo seja, não temos pena nenhuma de o ver desaparecer. O nosso amor é George Bailey - James Stewart, em parolítico ou na agitação frenética da imensa alegria final.

JOÃO BÉNARD DA COSTA